

A ORALIDADE E A ESCRITA NA ESCOLA: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES E INTERCULTURAIS

Ana Maria Aguilarⁱ
Évelin Pereira da Costaⁱⁱ

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre a utilização da linguagem como forma de interação no processo ensino aprendizagem. Assim sendo, são analisadas as ações de alguns professores de Língua Portuguesa e de Educação Física, à luz dos estudos desenvolvidos sobre linguagem verbal, interculturalismo, interdisciplinaridade e prática discursiva em sala de aula. Neste sentido, procuramos destacar a escola como um espaço de construção do conhecimento e, portanto, um espaço em que a comunicação intercultural é parte significativa de uma educação multicultural.

Palavras-chave: linguagem verbal; prática discursiva; ensino; interação.

INTRODUÇÃO

A língua é um dos mais importantes bens de uma sociedade, pois, além de ser veículo, é também um repositório da cultura. A linguagem verbal revela particularidades e peculiaridades do relacionamento social e, conseqüentemente, ocupa um lugar significativo na educação. Sob essa perspectiva, é necessário o estudo e o aprendizado sobre as habilidades linguísticas que nos possibilitam uma forma de interação social, especialmente quando se estabelecem as relações entre professor e aluno, as quais podem ser determinantes no processo de aprendizagem. Portanto, à luz da Linguística Textual, sob a perspectiva sociointeracionista e do ponto de vista histórico-cultural, apresentamos neste artigo questões referentes à importância da linguagem verbal utilizada pelo professor-educador em sala de aula.

O presente artigo faz parte de um estudo vinculado ao projeto de pesquisa *A oralidade e a escrita na aula de Educação Física*. O projeto foi desenvolvido por graduandos dos cursos de Educação Física e de Psicologia da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, no primeiro semestre de 2010 e cujo objetivo foi investigar a utilização dos textos orais e escritos na aula de Educação Física, o que possibilitou

verificamos como a interdisciplinaridade entre as disciplinas Língua Portuguesa e Educação Física, bem como, a utilização da comunicação intercultural na prática pedagógica possibilitam, ou não, o processo ensino e aprendizagem dos conteúdos propostos na matriz curricular.

Este trabalho está dividido em três partes. Na primeira, apresentamos as três principais concepções de linguagem, pois entendemos que tais concepções estão diretamente relacionadas à prática educativa do professor na sala de aula. Além disso, apresentamos algumas reflexões sobre a prática discursiva do professor na sala de aula. A finalidade dessa parte inicial é a de procurar responder as perguntas: Quais os conceitos de linguagem predominam na práxis pedagógica do(a) professor(a) na sala de aula? Como a prática discursiva do professor contribui para o processo ensino-aprendizado no espaço escolar?

Na segunda parte apresentamos comentários sobre a pesquisa desenvolvida sobre a oralidade e a escrita na aula de educação física, e discutiremos acerca de comunicação intercultural e da interdisciplinaridade. Para tanto, procuraremos examinar mais de perto excertos dos relatórios e dos questionários da pesquisa.

Por fim, encerramos este artigo com as considerações finais, apresentando comentários e alguns questionamentos sobre a utilização e a importância da oralidade e da escrita na prática discursiva dos professores.

1. LINGUAGEM VERBAL NA ESCOLA: CONCEPÇÕES

Estudos sobre a concepção interacionista de aprendizagem destacam que a postura do professor na sala de aula está intrinsecamente relacionada à concepção de linguagem, daí a importância de entendermos como os professores concebem a linguagem verbal e de que modo essa concepção possibilita a comunicação intercultural e interdisciplinar.

Normalmente são três possibilidades de concepção da linguagem (Travaglia, 2002): linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma ou processo de interação.

Segundo a primeira concepção, as pessoas não se expressam bem porque pensam mal. Assim a enunciação passa a ser é um ato monológico, pois não conta

com a participação de um interlocutor, nem é afetada pelo contexto onde ocorre a enunciação. Logo, para essa concepção, não importa com quem se fala; em que situação se fala; onde, como, quando ou para que se fala.

Para a segunda concepção, a linguagem é concebida como instrumento de comunicação. Neste caso, a Língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de produzir e transmitir uma mensagem. Sendo assim, o sistema linguístico é entendido como um fato objetivo externo à consciência individual e independente dos interlocutores.

A terceira concepção entende a linguagem como forma ou processo de interação. Sob esta perspectiva, a linguagem verbal é uma ação dialógica intercomunicativa e intersubjetivo, promove efeitos de sentido e, portanto, pode ser considerado um espaço de interação comunicativa. Assim, os interlocutores estão incluídos em um contexto sócio-histórico e ideológico. Esta terceira concepção compreende a linguagem como “*atividade, como forma de ação, ação interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação...*” (Koch, 1992, p. 9).

Neste sentido destacamos a ação interativa da linguagem, que segundo Bakhtin (1992) é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, o que aponta para a concepção *pragmática* da linguagem. Nesta perspectiva, podemos entender o professor-educador através da linguagem verbal age, atua sobre o aluno, e, conseqüentemente, realiza o processo de ensino e aprendizado.

154

Por essa razão, o trabalho com a oralidade e a escrita em sala de aula pode ser associado a uma *prática pedagógica* que promova a construção de conhecimentos necessários para a formação de alunos críticos, isto é, a linguagem verbal utilizada em sala de aula pelo professor pode ser associada a uma concepção *intercultural e interdisciplinar* de aprendizagem. Neste sentido, destacamos a importância de uma educação *multicultural* como elemento fundamental para o processo de formação do aluno, que poderá interferir de forma crítica na realidade para transformá-la.

Num sentido bastante amplo, a prática discursiva do professor na sala de aula afeta, em certa medida, a qualidade do processo educativo intercultural e interdisciplinar, assim como sua competência interacional. Assim, pode-se

considerar que a concepção de linguagem do professor deve ter como finalidade última a melhoria da qualidade de ensino.

Dessa forma, na prática pedagógica de qualquer disciplina do ensino básico, é necessário o professor desenvolver uma prática discursiva que possibilite aos alunos situações de comunicação que favorecem a utilização de textos (orais e/ou escritos) mais condizentes com uma concepção de linguagem que possibilite uma real aprendizagem do conteúdo proposto na matriz curricular.

O projeto *A oralidade e a escrita na aula de Educação Física* foi realizado sob a concepção da linguagem como forma ou processo de interação social; o que possibilitou pesquisar como as relações com a oralidade e a escrita, nas diversificadas situações existentes na sala de aula, promovem imbricações no discurso pedagógico, cuja finalidade é ensinar e aprender.

Sendo assim, refletiremos, a seguir, sobre dois tipos de práticas discursivas em sala de aula: a primeira prática discursiva pode ser compreendida como um instrumento de comunicação intercultural sob a perspectiva interdisciplinar, que considera os alunos como sujeitos que têm uma história construída com bases nos seus saberes socialmente construídos. E, a segunda, realiza-se apenas como transmissão de saberes técnicos necessários para capacitar os estudantes à disputa de uma vaga no mercado de trabalho, pois são vistos como objetos, ou meras peças que compõem as engrenagens de um sistema econômico.

155

1.1 A PRÁTICA DISCURSIVA DO PROFESSOR NA SALA DE AULA

Para a prática discursiva sob a perspectiva de uma comunicação intercultural, é importante a linguagem verbal do professor-educador possibilitar o debate com os estudantes sobre questões essenciais relativas ao campo social, econômico, político e ideológico relacionados aos conteúdos propostos na matriz curricular da escola e desenvolvidos em sala de aula.

Neste caso, temos a prática de uma linguagem verbal interdisciplinar, que dialoga, portanto, com temáticas relacionadas aos conteúdos políticos, ideológicos, históricos e culturais. Logo, pode ser considerada uma prática discursiva que valoriza os conteúdos históricos e sociais vivenciados pelos alunos habilitando-os

para o mercado de trabalho, mas também considerando-os sujeitos críticos competentes para colaborar com a (re)construção da sociedade.

Mas, para o professor cuja prática discursiva em sala de aula limita-se, quase que exclusivamente, à transmissão de conhecimentos técnicos necessários para que os alunos sejam habilitados a disputarem uma vaga no mercado de trabalho, o importante não é o desenvolvimento integral desses alunos, visto que só há uma preocupação: formar futuros trabalhadores, na maioria das vezes, para receberem salários miseráveis.

Enfim, a prática discursiva do professor pode estar aquém ou ir além disso. Neste sentido, a utilização da linguagem verbal na sala de aula como recurso didático deve estar associada à ação simbólica sobre o mundo, pois o aluno deve conseguir constituir-se como um sujeito que pensa, sente e dialoga. Nesse pronunciamento do mundo, educador e educando se encontram no diálogo para uma educação problematizadora da realidade do mundo, pois segundo Paulo Freire (2005, p. 83): “Somente diálogo que implica um pensar crítico é capaz também de gerá-lo”.

Por isso, é fundamental o professor saber utilizar textos orais e escritos na sala de aula; utilizar a linguagem verbal de modo a promover o aprendizado e possibilitar o diálogo. Sobre esse aspecto Bakhtin (1997, p. 41) argumenta:

156

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão numa das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode se compreender a palavra “diálogo” num sentido, isto é, não apenas como comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal de qualquer tipo que seja.

Neste sentido, a oralidade e a escrita são componentes da língua-linguagem dinâmicos, vinculados a um contexto social que não pode ser reduzido a um aprendizado técnico linguístico e entendido como um fato neutro e linear, sem sentido para o estudante, pois são componentes que devem considerar a humanização e a libertação do indivíduo. Para Paulo Freire: “A libertação autêntica, que é humanização em processo, não é uma coisa que deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É “práxis”, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Paulo Freire, 2005, p. 67).

Desta forma, a prática discursiva do professor em sala de aula deve centrar-se no desenvolvimento de habilidades de uso da linguagem: da língua oral, para que os alunos saibam adequar suas falas aos diferentes contextos diários, e da língua escrita, para que ao compreender o uso das diferentes formas em que ela se apresenta, tornem-se usuários competentes desse mecanismo de participação social.

Por estas e outras razões é que o professor-educador deve ter em sua formação profissional um conhecimento mais amplo sobre linguagem verbal e prática discursiva em sala de aula, pois uma boa comunicação (intercultural e interdisciplinar) permite que conteúdos sejam discutidos, aconteçam trocas de idéias, opiniões, expressões e experiências passem a serem compartilhadas entre docentes e discentes. Quanto a esse tema, Bakhtin afirma que (1997, p. 41):

A palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma (...) A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.

Enfim, o professor-educador deve ter uma prática discursiva que garanta aos alunos o aprendizado, pois essa prática deve ser um instrumento de comunicação que amplie as possibilidades de conhecimento e formação qualificada.

157

2. A ORALIDADE E A ESCRITA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA EXPERIÊNCIA

Para o desenvolvimento desta segunda parte, consideramos os oito relatórios finais do projeto *A oralidade e a escrita na aula de Educação Física*. Esses relatórios tratam da pesquisa realizada em dez escolas da cidade de Porto Velho, com 25 sujeitos – professores do Ensino Fundamental e Médio: 13 de Língua Portuguesa e 12 de Educação Física. Assim, num sentido mais restrito, a partir dos dados coletados, selecionados, descritos e analisados refletiremos brevemente sobre a importância da oralidade e da escrita na prática pedagógica. Para tanto, alguns

excertos desses relatórios e do questionário serão apresentados como uma amostragem da pesquisa.

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa quanti-qualitativa, transversal, descritiva e exploratória. Através desta, objetivamos observar, descrever e analisar a concepção de linguagem predominante dos professores e verificar a interação dos professores de educação física com os alunos em uma aula, correlacionando a prática discursiva desses docentes e a utilização de textos orais e/ou escritos sem manipulá-los. Segundo Cervo & Bervian (2002, p. 49), este tipo de pesquisa possibilita mostrar a situação como ela é, e conhecer relações que ocorrem na vida social e na vida escolar.

Dessa forma, compreendemos a escola como um espaço reservado ao estudo, portanto cabe a ela promover uma prática discursiva que propicie o interesse pela comunicação intercultural e interdisciplinar. Nesse sentido, vale a pena destacar que “interação” significa mais que a simples troca de palavras.

Os dados foram coletados durante o período de abril a julho de 2010, após a autorização da instituição para o nosso acesso e a assinatura do termo de encaminhamento. Para tanto, criou-se um questionário semi-aberto, de caráter predominantemente qualitativo, a ser respondido pelos professores de forma anônima, aplicado durante entrevista individual.

O instrumento semi-estruturado foi composto por duas questões abertas e duas questões fechadas. As questões abertas estão compostas por dados referentes às concepções e importância da linguagem verbal e as questões fechadas estão compostas por dados da escolaridade e frequência de utilização de textos escritos na aula de Educação Física. Os procedimentos do estudo foram apresentados aos diretores e supervisores e aos professores sujeitos da pesquisa, garantindo a não-identificação das instituições e/ou dos professores.

Administrado o questionário e observadas duas aulas, verificou-se que é rara a utilização de textos orais e escritos na aula de Educação Física. Foram mencionados os seguintes argumentos para justificar a não utilização da linguagem verbal escrita no contexto da disciplina em geral: é mais importante desenvolver atividades relacionadas à linguagem corporal, pois esta é a área específica de atuação dessa disciplina; além disso, através dos jogos e brincadeiras os alunos

podem desenvolver a comunicação intercultural, bem como a consciência de sua própria cultura.

No entanto, na opinião de todos os professores de Educação Física, a utilização da linguagem verbal (textos orais e/ou escritos) na aula é importante, pois possibilita a interação entre o professor e os alunos, por exemplo. Contudo, verificou-se na aplicação do questionário que para alguns professores dessa disciplina o texto verbal escrito é utilizado na aula somente quando é necessário “punir” o comportamento indisciplinado dos alunos.

Os vinte e cinco professores participantes foram convidados a marcarem com um X e justificarem uma das três concepções de linguagem verbal utilizada na prática pedagógica. Embora não tenham apresentado um conceito científico preciso, a concepção de linguagem como forma de interação foi tida como a mais praticada pelos professores, que destacaram a importância do docente possibilitar discussões, reflexões e confrontos entre os alunos. Sobre esse assunto, Paulo Freire (1996, p. 25) destaca: *“saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”*.

Assim, cabe exatamente à escola e aos professores, portanto, a responsabilidade por possibilitarem na sala de aula um ambiente apropriado à interculturalidade e à interdisciplinaridade.

2.1 A ORALIDADE E A ESCRITA NA AULA: COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL E INTERDISCIPLINAR

Quanto às atividades orais e escritas é preciso considerar que essas atividades fazem parte das interações da vida real, logo as modalidades oral e escrita devem ser objetivadas, isto é, desenvolvidas a partir da concepção pragmática de linguagem, e, portanto devem predominar na sala de aula atividades cujo caráter funcional o aluno reconheça.

Com vistas a esse fim, consideramos importante destacar a questão do ensino da oralidade e da escrita na formação, em nível superior, do professor do Ensino Fundamental e Médio, pois é esse professor que deverá estar apto a abrir espaço para diversificação textual na sala de aula.

Neste sentido, entendemos que os professores de qualquer disciplina, se bem formados na área da linguagem verbal poderão fazer circular em sua sala de aula uma diversidade de gêneros textuais, com conteúdos ricos e variados, que promovam a formação de alunos comunicativos e leitores críticos.

Nesta direção, a prática discursiva do professor não é concebida como uma simples habilidade linguística, mas como um elemento fundamental do processo pedagógico e da comunicação intercultural e interdisciplinar. Isto significa, pois, que na prática pedagógica desse professor a linguagem verbal escrita e/ou falada deve ser utilizada adequadamente, pois essa prática criará um ambiente sociointerativo que dê aos alunos mecanismos e situações em que eles, sob a perspectiva histórico-cultural, aprendam e pratiquem os conteúdos programáticos.

Sob este prisma, o professor precisa estar capacitado e preparado para promover a interação, que pode gerar mudanças nas pessoas, que ao mudarem atuam sobre a sociedade em que estão inseridas. No caso da comunicação intercultural, a transformação ocorre porque passam a ser realizadas orientações para a concretização de uma comunicação eficaz e uma prática democrática, professor e aluno são reconhecidos como sujeitos ativos nas relações de ensino e aprendizagem. Sobre esse tema, Ângela Kleiman (1997, p. 10) enfatiza: “para construir um contexto de aprendizagem mediante a interação, o aluno deve conhecer a natureza da tarefa e deve estar plenamente convencido de sua importância e relevância”.

160

Sendo assim, exige-se da prática discursiva do professor na sala de aula, principalmente, a valorização da linguagem verbal interativa, intercultural e interdisciplinar que engloba: pensar a aquisição de competências comunicativas do aluno e do futuro cidadão; desenvolver essas competências em termos de interação social; promover a diversidade de atividades (entrevistas, visitas, coleta de dados...) e, por fim, ressaltar a movimentação do professor na sala de aula, que deve acontecer de forma a possibilitar a sua interação entre os sujeitos envolvidos na aula: professor e alunos.

Neste caso, o professor, o de educação física, especialmente, pode utilizar a linguagem verbal e a linguagem corporal para, além de verificar a realização das

atividades avaliativas, também interagir com a classe, promovendo o papel de mediador do aprendizado desses alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentamos no início deste texto o objetivo do presente estudo foi refletir sobre a utilização da linguagem como forma de interação no processo ensino aprendizagem, tendo como base a comunicação intercultural e prática interdisciplinar.

A partir desse objetivo geral, surgiram duas perguntas de pesquisa: (1) Quais os conceitos de linguagem predominam na práxis pedagógica do(a) professor(a) na sala de aula? (2) Como a prática discursiva do professor contribui para o processo ensino-aprendizado no espaço escolar?

Em relação à pergunta (1), apresentamos as três principais concepções da linguagem e refletimos sobre a prática discursiva do professor, objetivando verificar a concepção adotada pelo professor em sala de aula a partir das suas manifestações lingüísticas e das práticas representativas dessas concepções. Nesse sentido e de acordo com os resultados apresentados nos oito relatórios, entendemos que a prática discursiva dos professores de educação física participantes da pesquisa, em diversos momentos, contradiz a concepção de linguagem como forma de interação. Contudo, o tempo utilizado para observar as aulas foi pouco, logo, não nos permitiu dar conta da complexidade da comunicação intercultural e interdisciplinar. Daí, a proposta de um estudo da problemática da prática discursiva do professor na educação básica voltado para o campo do ensino-aprendizagem das diversas disciplinas que compõem a matriz curricular do ensino fundamental e médio.

É nesse ponto que a nossa reflexão chama para o debate a pergunta de pesquisa (2): Como a prática discursiva do professor contribui para o processo ensino-aprendizado no espaço escolar? Neste sentido, consideramos importante destacar alguns problemas que, direta ou indiretamente, interferiram no desenvolvimento qualitativo das aulas.

Como disse anteriormente, a comunicação intercultural e interdisciplinaridade como forma de interação não foi identificada na prática discursiva e pedagógica dos professores participantes da pesquisa. Além disso, foi verificada a falta de materiais e a ausência de organização de alguns professores de educação física em momentos específicos das atividades propostas. Dessa forma, a prática da maioria dos professores participantes da pesquisa não possibilitou o desenvolvimento dos alunos enquanto seres sócio-históricos.

Assim, este artigo reflete sobre a prática discursiva do professor, destacando a importância da comunicação intercultural e a necessidade de uma prática pedagógica interdisciplinar, que podem abrir caminhos para o ensino e para o aprendizado mais amplo, num mundo em que estudos sobre comunicação intercultural nos possibilitam desautomatizar o olhar sobre/para o Outro.

NOTAS

ⁱ Professora Mestre da Universidade Federal de Rondônia – UNIR (Departamento de Línguas Vernáculas). Coordenadora do Centro de Estudos da Linguagem - CEL, integrante do Grupo de Estudos em Cultura, Educação e Linguagens – GECEL. anamajc@gmail.com.

ⁱⁱ Monitora da disciplina Língua Portuguesa, Graduada em Letras/Português da UNIR. Integrante do GECEL. evelin_pc@hotmail.com.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Prentice-Hall, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa**. 19º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 5ª ed. São Paulo: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A interação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 1992.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 8º ed. São Paulo: Cortez, 2002.